

BEAUVOIR EXPLICA: O FENÔMENO DA REIFICAÇÃO DAS MULHERES NA MÍDIA BRASILEIRA

BEAUVOIR EXPLAINS: THE PHENOMENON OF REIFICATION IN BRAZILIAN MEDIA

Djamila Ribeiro *

Esta comunicação foi apresentada em junho de 2011, por ocasião de *The Nineteenth International Conference of the Simone de Beauvoir Society*, ocorrido na Universidade de Eugene, Oregon, EUA. Diversos pesquisadores de todas as partes do mundo ali discorreram sobre pontos de vistas diferenciados acerca de tópicos atuais que sempre remontam ao pensamento de Simone de Beauvoir.

Meu trabalho tratou do tópico “*Beauvoir Explains: The Phenomenon of ‘Fruits Women’ in Brazilian Media and the Role of the Mediatic Pimps*”, que mereceu a atenção e discussões com os colegas ali presentes.

Em síntese, o trabalho propõe reflexões sobre como o texto de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, serve ainda de parâmetro interpretativo para o fenômeno da reificação das mulheres, consideradas mulheres “fruta” ou mulheres “carne” na mídia brasileira, e suas consequências.

Em 2008, começou a aparecer um novo tipo de exploração do corpo feminino na mídia brasileira: “as mulheres frutas”, tais como a “mulher melancia”, “a mulher maçã” entre outras. Este fenômeno pode ser considerado um sucesso, tanto em audiência de programa de TV bem como nas vendas de revistas.

O objetivo desta comunicação é explicar, com base no conceito de existência apresentado em *O Segundo Sexo*, por que esse fenômeno de mídia é tão forte; e também a de discutir a persistência do desejo do homem de tornar a mulher um objeto. Para tanto,

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. Membro fundadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero, Raça e Sexualidade (MAPÔ) da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo. djamilaribeiro@yahoo.com.br.

mostramos o papel da mídia, de produtores que lucram com "as mulheres frutas" e espalham a ideia de que "isso é o que as mulheres gostam".

Ao buscar apoio na obra de Simone de Beauvoir, entendo estar ali a demonstração de como a situação de reificação acontece de maneiras diferentes para homens e mulheres. Ao homem, a situação de reificação exige a sua transcendência através da liberdade. No caso da mulher, a reificação é imposta a ela como situação *sui generis* que mitiga a sua liberdade. O homem funda-se pela liberdade. Liberdade é o que coloca o homem no mundo, como tal, sob o horizonte do mundo. Já para a mulher, há algo que a determina antes que ela possa ser colocada como liberdade. Daí a frase "não se nasce mulher, torna-se", ou seja, o gênero para uma mulher é algo que se impõe a ela, a define antes que ela possa avançar para lutar pela liberdade. Poderíamos dizer que cada situação tem esta característica: do que nos é imposto "de fora". No caso da experiência feminina do gênero, este é o problema: essa exterioridade ocorre quase como uma interioridade irreduzível.

A situação do modelo de transcendência das mulheres explica não só o confinamento das mulheres pelos homens, mas também explica a sua situação deteriorada. A opressão das mulheres é ainda mais poderosa porque é mascarada por trás da natureza; a crença de que o destino da mulher é ser passiva. E quando elas nisso acreditam e isso internalizam, não veem o mundo como seu e se deixam ficar presas em sua situação imediata. Como a transcendência é negada, é negado também acesso aos outros valores humanos. E pode-se dizer que este fato, além da questão social, leva algumas mulheres a aceitar ser identificadas como "mulheres frutas", a ser tratadas como coisas. Explica ainda porque tantas outras jovens desejam ser na mídia a "nova fruta" ou a mulher "carne" cujo processo de reificação é ainda mais intenso.

Há uma crítica as "mulheres frutas", como se elas fossem culpadas pela depreciação da imagem da mulher. Não há, no entanto, uma discussão "frutífera" sobre o fenômeno dos homens lucrando sobre os corpos de mulheres. O prestígio viril dos homens está longe de ser apagado; ele existe em sólidas bases econômicas e sociais e encontra amparo em vários programas de TV e revistas que exploram os corpos femininos.

As mulheres brasileiras, em geral, são estereotipadas com a imagem de serem "naturalmente sensuais" e há um mercado que lucra com esta imagem. No entanto, a cultura e a sociedade raramente colocam a responsabilidade sobre os que exercem a função de

verdadeiro "cáften midiático". Nós sabemos que a liberdade existencialista implica que as vítimas sejam responsáveis por sua própria escravização, mas também sabemos que, para as mulheres, o mundo não é apresentado como o é para os homens. E os homens negam a transcendência das mulheres, transformando-as em uma coisa.

Afinal, a opressão apenas muda de forma e seus mecanismos foram modernizados. Estes nada mais são que opressões antigas ora disfarçadas.

É por isso que a obra de Simone de Beauvoir é ainda hoje tão relevante e nos permite também explicar este fenômeno da mídia brasileira, em seu processo de reificação das mulheres e a exploração contínua do corpo feminino pelo cáften de mídia, além da complexidade inerente a esse processo dialético entre liberdade e transcendência, situação e cultura.

Palavras-chave: situação; mulher fruta; transcendência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BEAUVOIR, Simone. **Por uma moral da ambigüidade**; tradução de M.J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada** – ensaio de ontologia fenomenológica; tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX (Corrêa, 1999); Cadernos **Pagu**, vol. 12.

SCOTT, Joan Wallach “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, 1995.

SIMONS, Margaret A. **Beauvoir and the second sex**: feminism, race, and the origins of existentialism. Boston: Rowman & Littlefield Publishers, 1999.